



## Ensaio sobre o revoltado: inscrições políticas de Joel Silveira nos anos 1930

**Cleverton Barros de Lima**

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas, - UNICAMP/FAPESP- (2015). Mestre em História pela UNICAMP/FAPESP (2010). Licenciado em História pela Universidade Federal de Sergipe - UFS (2004).

 <https://orcid.org/0000-0002-9547-0405>

 10.28998/rchv14n28.2023.0017

Recebido em: 25/04/2023

Aprovado em: 05/09/2023



## Ensaio sobre o revoltado: inscrições políticas de Joel Silveira nos anos 1930

### RESUMO

Este artigo analisa algumas das inscrições estético-políticas de Joel Silveira referentes à representação do sociólogo Florentino Menezes. O escopo da pesquisa é, portanto, analisar o ensaio de Silveira, intitulado, “Florentino Menezes: Ensaio (1934)”, e a abordagem focaliza as questões referentes à ideia de um arquétipo do intelectual “revoltado”, no contexto da Primeira República e início da Era Vargas. Empregando o ensaio, enquanto gênero discursivo, Silveira examinou as contribuições da sociologia de Menezes, no intuito de considerá-lo um habilidoso intérprete do Brasil. Forma-se nos escritos do sociólogo, a partir da leitura de Silveira, o percurso das campanhas civis pelo voto e a condição das classes pobres no país. O ensaio constitui no primeiro trabalho publicado do escritor Joel Silveira. Por certo, abre a investigação histórica, a respeito das inquietações de uma escrita política engajada em compreender o país e a intelectualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** intelectuais; revolução; linguagens políticas.

## Essay on the revolt: Joel Silveira 's political registration in the 1930's

### ABSTRACT

This article analyzes some of the aesthetic-political inscriptions of Joel Silveira referring to the representation of the sociologist Florentino Menezes. The scope of the research is, therefore, to analyze the essay of Silveira, entitled, “Florentino Menezes: Ensaio (1934)”, and the approach focuses on the questions relating to the idea of an archetype of the “revolted” intellectual, in the context of the First Republic and early Vargas Era. Employing the essay as a discursive genre, Silveira examined the contributions of Menezes' sociology, to consider him a skilled interpreter of Brazil. It is formed in the sociologist's writings, from the reading of Silveira, the course of civil campaigns for the vote, and the condition of the poor classes in the country. The essay constitutes the first published work of the writer Joel Silveira. Of course, it opens up the historical investigation, concerning the concerns of a political writing committed to understanding the country and intellectuality. The essay constituted the first published work of the writer Joel Silveira. Of course, it opens up the historical investigation, concerning the concerns of a political writing committed to understanding the country and intellectuality.

**KEYWORDS:** intellectuals; revolution; political languages.

O escritor e jornalista Joel Silveira<sup>1</sup> (1918-2007) trabalhou nos principais periódicos<sup>2</sup> durante boa parte do século XX. Exerceu diversas funções nas redações dos *Diários Associados*, *Última Hora*, *Estado de São Paulo*, *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*. A produção de reportagens, perfis, crônicas, contos, novelas, resenhas literárias, agregam um corpus expressivo de uma longa trajetória intelectual. Deste período, destacam-se reportagens que trouxeram visibilidade ao seu estilo, em abordar temáticas relevantes sobre o Brasil, como *Os Grã-finos de São Paulo* (1945), publicada na *Diretrizes* (SILVEIRA, 2003). São, ainda, importantes nesta produção intelectual, as entrevistas que Silveira escreveu de escritores brasileiros, a exemplo de Monteiro Lobato e João Cabral de Melo Neto (FERRARI, 2012).

Apesar desta longa produção na imprensa nacional, Joel Silveira não foi tratado pela historiografia antes do período de profissionalização. Isto é, o período anterior a 1937, quando residia no estado de Sergipe e iniciava sua produção literária e jornalística na época de secundarista. Ele deixou uma experiência intelectual desse período de estudante gremista em Aracaju, que será minha opção em compreender algumas das leituras políticas do período histórico em que o país estava inserido. Nascido em Sergipe, em 1918, Silveira estudou no Liceu Sergipano, escola criada em 1883, que reuniu um projeto de formar a intelectualidade sergipana (NUNES, 2008). Em 1925, a escola passou a ser denominada de Atheneu Pedro II via decreto do presidente da província, Maurício Graccho Cardoso. Neste ambiente acadêmico, Silveira obteve uma formação distinta quando atuou no jornal do grêmio e, participou de concursos literários. Aliás, ele foi vencedor do concurso literário de 1936, quando competiu com a novela *Gaudêncio*, em que, figurou um sertanejo vivendo os desafios das constantes secas.

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O artigo é parte de uma pesquisa mais densa sobre a trajetória de Joel Silveira, desenvolvida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP. Vinculado ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP.

<sup>2</sup> A historiadora Tânia Regina de Luca, investigou a concepção fluída do conceito “grande imprensa”, ao trabalhar com os periódicos brasileiros do século XX. Segundo Luca, a expressão “grande imprensa”, estaria inserido ao período do “último quartel do século XIX e o início do seguinte como um período de inflexão na trajetória da imprensa brasileira” (p. 149). Houve, neste período, a modernização das máquinas de matriz “artesanal dos impressos”, a outras, mais inovadoras tecnicamente, efetivamente de caráter industrial (LUCA, 2011, p. 149).

Outrossim, meu interesse é compreender as representações intelectuais e políticas, que o fez publicar seu primeiro texto, a respeito do professor Florentino Menezes, do Atheneu Pedro II. A ausência, na historiografia que trabalhou com a obra de Joel Silveira, da análise do texto “Florentino Menezes: Ensaio (1934)”, tornou-se um dos aspectos primordiais da reflexão a respeito da sua trajetória intelectual no meu trabalho de pesquisa. Ao estudar a obra de Amando Fontes (LIMA, 2018), na década de 1930, em especial, a questão social no romance *Os Corumbas*, encontrei o ensaio de Silveira, que delimitou o início de uma pesquisa maior sobre sua trajetória nos anos 1930 e 1940. Propus, neste sentido, acompanhar os interesses intelectuais e políticos de Joel Silveira, no período anterior à publicação das reportagens sobre os Grã-finos de São Paulo e da cobertura da participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial (SILVEIRA, 1945). A proposta desta pesquisa, portanto, é compreender as questões que inquietavam Joel Silveira no tempo de formação intelectual em Sergipe. Por isso, meu enfoque nesta fonte ensaística, volta-se a importância da leitura do uso de uma retórica política utilizada por Silveira, ao pensar o lugar e o papel do intelectual na sociedade brasileira.

### Retórica de uma estética do intelectual

“Florentino está muito longe de fazer uma revolução, e se já fez foi abafada por ele próprio...Ele é um revoltado. Nunca um revolucionário” (SILVEIRA, 1934, p. 63).

Joel Silveira sintetizou com estas palavras, entre elogios e críticas, a relevância do trabalho intelectual do sociólogo Florentino Telles de Menezes (1886-1959), a quem atribuía a figura de “revoltado” em oposição explícita a de “revolucionário”. Os dois conceitos são atribuições políticas, pensados dentro da temporalidade das revoluções burguesas; precisamente Silveira, referia-se a Revolução Francesa (HUNT, 2007, p.24).

A semântica dos dois termos remete às suas preocupações em pensar o lugar do intelectual na sociedade brasileira. Acima de tudo, o ensaio de Silveira, a respeito do sociólogo Florentino Menezes, dá indícios das implicações do pensamento político, atribuído à intelectualidade durante o período da ditadura varguista. Nos relatos de memórias, Joel Silveira salientou o quanto aqueles turbulentos anos que antecederam

a instalação do Estado Novo, a questão da revolução estava na pauta dos debates. Com efeito, naquele início de década de 1930, o país vivenciou diversos movimentos políticos, o que, certamente, dá as pistas para compreensão do projeto político do qual desejou participar por meio do uso de uma escrita política (RANCIÈRE, 2017, p.7-8).

A figura do professor do Atheneu exerceu grande impacto na formação de Joel Silveira, especialmente na forma de pensar as questões sociais da Primeira República (NAXARA, 1998). Dentre os vários pontos abordados em sua produção acadêmica e intelectual, Florentino Menezes trabalhou insistentemente a questão política que envolvia o exercício democrático do voto secreto, ao participar da criação do Centro de Propaganda do Voto Secreto e posteriormente, do Centro Socialista Sergipano 1918 (DANTAS, 2012). Nestas agremiações, o sociólogo tocou em pontos que se relacionam aos problemas sociais e políticos. Assim, é possível identificar na sociologia de Florentino Menezes, uma ferramenta de análise da sociedade brasileira, da qual, Joel Silveira tomou conhecimento no período de formação no liceu, em Aracaju, durante o início da década de 1930. Aliás, Silveira nutria grande admiração pelo mestre, a quem, elegeu como objeto de sua primeira obra. A questão da reflexão “revoltosa” do sociólogo, direcionou alguns dos interesses da obra do jovem, especialmente, àquela que envolvia à condição política das classes pobres brasileiras. Por isso, revoltado, também é um conceito apropriado a condição do intelectual que se preocupa em compreender as condições sociais e nela intervir. A sociologia de Florentino Menezes, enquanto projeto político, adequou-se nesta preocupação, pois torna ponto de reflexão a sociedade e seus problemas.

Meu objetivo neste artigo é percorrer as leituras políticas nas quais, Joel Silveira tece a figura do sociólogo Florentino de Menezes. O escopo desta pesquisa perpassa por uma leitura histórica do ensaio publicado em 1934 e a produção historiográfica. Acredito ter sido um ensaio pouco explorado pela historiografia, embora tragam indícios da trajetória de Silveira, pois elencam questões políticas relevantes à compreensão das opções estéticas do autor durante toda trajetória intelectual.

E, sobre o aspecto estético, Jacques Rancière, propôs que a questão estética se associa à ideia do tecido de “experiências sensíveis”, ou seja, aos “modos percepção de regimes de emoção, categorias que as identificam, esquemas de pensamento, que as

classificam interpretam” (RANCIÈRE, 2021, p.7-8). Rancière também refletiu a relação das “políticas da escrita” em formar uma “constituição estética” da sociedade, designado conceitualmente como a “partilha do sensível”: “A escrita é política porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos, sejam eles quais forem, e o poder da palavra soberana” (RANCIÈRE, 2017, p. 7). Inspirado nesta perspectiva teórica, procuro compreender historicamente, as opções retóricas de Joel Silveira numa acepção das políticas da escrita. O interesse é compreender as inscrições políticas de Silveira no ensaio “Florentino Menezes: Ensaio” (1934). Neste ponto, procuro entender as representações do professor e, as relaciono aos debates daquele período histórico.

Ao mesmo tempo, observo neste ensaio de Joel Silveira, uma construção do quadro político ao qual se debate o papel do intelectual (SKINNER, 2017, p.359). Este é um aspecto debatido insistentemente por intelectuais de várias matrizes políticas, nos anos 1930. Exploro, então, o papel político do texto sobre Menezes, quando Silveira pretendeu trazer para o gênero ensaístico, a imagem do sociólogo sergipano pouco conhecido no país, ou melhor dizendo, de um pensador sem prestígio intelectual na sociologia brasileira, assim como, os diálogos políticos do pensamento do sociólogo. Portanto, acompanho as ideias que embasam, não só aquilo que Florentino de Menezes escreveu, mas, em simultâneo, discuto os motivos políticos que o ensaio pretende sustentar enquanto leitura política daquele cenário de instauração da Era Vargas.

### Inscrições políticas da Revolução

Historicamente, o conceito de “revolucionário”, diferentemente de “revoltado”, refere-se ao contexto da história da Revolução Francesa (HOBBSBAWN, 2001, p.71). Revolução<sup>3</sup> é um termo bastante utilizado nos debates políticos do período moderno e contemporâneo. Entretanto, é preciso cautela ao pensá-lo, pois, corre-se o risco do lugar-comum. Porquanto, se penso de imediato neste conceito, como essencialmente parte das revoluções inglesas, americanas e francesas dos séculos XVII e XVIII que

---

<sup>3</sup> Pierre Ansart salientou a relação entre a Revolução e o aspecto da dimensão afetiva da Política. Aliás, haveria neste acontecimento, “a importância histórica das paixões políticas é usualmente reconhecida apenas nas fases de sua mais alta intensidade, nas revoltas e nas revoluções” (ANSART, 2019, p.11).

impuseram a análise da ideia de crise daquelas sociedades, o conceito perde a força da sua amplitude linguística.

Reinhart Koselleck considera conter este termo o problema semântico que envolve o conceito de revolução: “Revolução alude muito mais à desordem, golpe ou guerra civil, assim como a uma transformação de longo prazo, ou seja, a eventos e estruturas que atingem profundamente o nosso cotidiano” (KOSELLECK, 2006, p. 61).

As diversidades semânticas do conceito têm, assim, extensas apropriações, “do ponto de vista linguístico”, adverte Koselleck. Por isso, é necessário pensar os termos utilizados por Joel Silveira, a exemplo, de “revoltado” e “revolucionário” enquanto qualificativos intelectuais historicamente marcados. Koselleck adverte para a diversidade do uso do conceito de revolução em uma leitura cautelosa do conceito de revoltado; o historiador, então, assinala o caráter diversificado nos usos de conceitos históricos como os da revolução e suas aproximações: “Da mesma forma, é possível ler notícias sobre os programas marxistas para uma revolução universal, formulados por Marx e Lenin, e depois impressos por Mao Ze Dong, na bandeira do Partido Comunista Chinês” (KOSELLECK, 2006, p.61). Portanto, nesta diversidade semântica o termo deve ser lido, afirma Koselleck:

Nosso conceito de revolução pode ser assim definido, de forma adequada e legítima, como um conceito geral, que encontra pelo mundo as condições prévias para seu entendimento, mas cujo significado preciso sofre variações dramáticas de um país para outro, de uma situação política a outra. É quase como se no interior da palavra revolução habitasse uma força revolucionária capaz de fazer coma que a expressão se dissemine continuamente e seja capaz de conter em si o mundo todo. Teríamos dessa forma o caso de uma espécie de arqui-semema [Schlagwort] político, que se reproduz continuamente em cada um de suas ocorrências, da mesma forma como conduz obrigatoriamente à alteração da própria situação em que ocorre (KOSELLECK, 2006, p. 62).

A diversidade semântica do termo revolução é, portanto, parte dos desdobramentos da modernidade. Aliás, a historiografia moderna inaugurou o uso deste conceito amparado nos embates e lutas que tomaram a cena política. No século XIX, segundo Koselleck, a “revolução”, tornou-se distinguível, “entre uma revolução política, uma revolução social ou uma revolução técnica e industrial”. Sobretudo, com

a Revolução Francesa, os termos “révolution” ou “revolution” alcançou outras “possibilidades semânticas flexíveis, ambivalentes e ubíquas” (KOSELLECK, 2006, p.62).

Hannah Arendt propôs na obra *Sobre a Revolução*, as implicações históricas que esse termo tomou no período moderno. A questão social, na opinião de Arendt, foi um dos aspectos marcantes que diferenciou o termo revolução na modernidade. Logo, ao contrastar a antiguidade clássica grega, onde havia distinção entre ricos e pobres, ao período da Revolução Americana, a pensadora ressalta que:

(...) a questão social começou a desempenhar um papel revolucionário somente quando os homens, na era moderna e não antes, começaram a duvidar de que a pobreza fosse inerente à condição humana, a duvidar de que a distinção entre a minoria que, à força, pela fraude ou pelas circunstâncias, havia conseguido se libertar dos grilhões da pobreza e as massas trabalhadoras miseráveis fosse eterna e inevitável (ARENDDT, 2011, p. 49).

Hannah Arendt acrescenta que a ideia de que a terra seria um lugar abençoado em abundância, sem “penúrias”, “era pré-revolucionária e de origem americana; ela nasceu diretamente da experiência colonial americana” (ARENDDT, 2011, p.49). Outrossim, simbolicamente, esta percepção montou “o palco para as revoluções no sentido moderno”, pois em seu horizonte teórico, emergiram o pensamento de John Locke e de Adam Smith, reabilitando o trabalho como fonte de riqueza. Neste cenário, a multidão escravizada ansiava, pela primeira vez, “a libertação deles mesmos e a escravização da outra parcela da humanidade” (ARENDDT, 2011, p.50).

A historiadora Isabel Marson identificou a revolução enquanto temática política central nos debates a partir da instauração do Império no Brasil, até as primeiras décadas da República. Período este, marcado por conflitos sangrentos, notadamente, pela “Revolta Armada (1893-1894) e a Guerra de Canudos (1896–1897), e pela intensa polêmica política e histórica sobre a experiência monárquica e o advento da República” (MARSON, 2009, p.147). Neste contexto de transição política, os monarquistas avaliaram o “novo regime um golpe de estado” alheio à vontade do povo e às necessidades da nação, decorrente da indisciplina do exército, do ressentimento do clero e de fazendeiros prejudicados pela abolição”. Já os republicanos, apontaram as

falhas da monarquia, vista como “exótica presença na América, o apoio no despotismo” do Poder Moderador e na corrupção política”.

Marson analisou diversas obras em que as categorias do ideário liberal, dentre eles as denominadas revoluções liberais, foram apropriadas ao debate do percurso “do Império luso-brasileiro desde o final do XVIII até o XX” (MARSON, 2009, p.128). O enfoque dos intelectuais brasileiros foi pensar a nação brasileira na tentativa de superar a passagem da “barbárie à civilização”. Neste sentido, a pesquisadora destacou que o objetivo dos intelectuais brasileiros, - a exemplo de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodré - também situava-se em superar as “revoluções indesejáveis”, pois existiria uma persistência de “práticas da colonização”. Assim, o interesse dos intérpretes modernos do Brasil pelas revoluções, tornaram o “tema da Revolução Brasileira entendida como superação das sequelas da colonização e do período monárquico – em especial o latifúndio, a servidão e a escravidão” (MARSON, 2009, p. 127-128).

Não obstante, os inúmeros significados, o conceito revolucionário foi utilizado por Joel Silveira numa acepção endereçada aos debates das condições sociais das populações pobres no Brasil. Aspecto este, imprescindível nos conceitos em que a obra de Florentino Menezes foi construída ao longo da primeira metade do século XX. A formação deste sociólogo deu-se em parte no curso de Engenharia na capital pernambucana, “transferiu-se para o Rio de Janeiro, mas adoeceu de beribéri e deixou a escola”. Ele não conclui o curso, mas inscreveu-se na Bahia na faculdade de medicina, que também abandonou. Ibarê Dantas acrescenta a esse período de formação intelectual interrompido por questões de saúde, que Florentino de Menezes trabalhou na leitura inquieta dos autores da sociologia francesa, em especial a escola evolucionista, Augusto Comte e Émile Durkheim.

Após a dedicação intensa ao trabalho teórico, Florentino Menezes, segundo Dantas, inicia a empreitada para compreender a “realidade social”. A partir de 1912, surgem duas obras, primeiro, o Estudo Chorográfico e Social do Brasil, onde trabalha a questão da divisão do espaço territorial brasileiro; segundo, em 1913, publica as Leis de Sociologia Aplicadas ao Brasil, em que, faz uma leitura a respeito do progresso do país sob o viés das teorias sociológicas, em especial, as trabalhadas pelo filósofo francês,

Georges Palante. Publicou, ainda em 1916, *Desenvolvimento Intelectual dos Povos*, em que refletiu a respeito do ritmo do progresso dos povos. Um ano depois, numa mesma abordagem, publicou a *Escola Social Positiva*, quando expôs o projeto político de viés positivista, onde detalha os parâmetros que organizariam a sociedade em vista do aperfeiçoamento do povo (DANTAS, 2009, p. 208).

A referência ao conceito de “revoltado” conferido ao professor do Atheneu Pedro II ilustra, notadamente, as referências políticas da trajetória do escritor Joel Silveira. O sentido de revoltar-se é pensar, escrever e articular as mudanças mesmo que estas não cheguem a seu propósito. Ou seja, o revoltado vincula-se as campanhas panfletárias em que travou embates por justiça social. Um dos seus esforços partiu da construção do Instituto Histórico de Sergipe; ainda foi pioneiro no surgimento do Centro Socialista Sergipano e do Centro Pedagógico Sergipano. Não houve acolhimento das ideias socialistas propostas por Florentino Menezes, pois as lideranças políticas vinculadas as oligarquias e à Igreja Católica rejeitaram tais teses revolucionárias. Contudo, a produção intelectual dele, comprova a militância constante ao publicar no Rio de Janeiro, em 1934, o livro *A Ilusão comunista e a Realidade Soviética*.

Com efeito, o “revoltado”, então, esclarece o pensamento intelectual na tarefa de avaliar as matrizes que formaram o povo brasileiro (BRESCIANI, 2007, p.101-108). Porquanto, nos anos 1920, o país também vivenciou momentos de agitações, como a Revolta do Forte de Copacabana de 1922 ou a Revolução de 1924, período de crítica ao contexto político da Primeira República aos momentos iniciais do período Vargas (BORGES, 1992, p. 109-125).

É curioso também notar, seguindo Raymond Williams, que os conceitos de revolta e revolução estão próximos desde o século XVI. Ele assim destaca a aproximação dos dois conceitos utilizados por Joel Silveira ao analisar a obra de Florentino Menezes: “Difícilmente se poderia considerar simples coincidência o desenvolvimento de duas palavras, revolta e revolução, do sentido de movimento circular para o de um levante político” (WILLIAMS, 2007, p. 357). Daí a proximidade do conceito de revolta, atrelada a “uma tentativa de derrubar, de virar de cabeça para baixo, virar de pernas para o ar, uma ordem política normal”, sugerida para seu professor por Joel Silveira.

Lembro, ainda ao leitor, que o ensaio de Joel Silveira sobre seu professor foi publicado quando o país vivenciava mudanças drásticas advindas do golpe de 1930 (VESENTINI, 1997); e ainda, ante o surgimento de movimentos políticos de massa, a exemplo do movimento de inspiração fascista, Ação Integralista Brasileira (DUTRA, 2012). Os integralistas constituíram em movimento, que pensavam fazer a revolução, em um projeto maior de organização política e do tecido social. Em 1933, Plínio Salgado, fundador da AIB, conjecturou um projeto de mudança da sociedade, materializado, principalmente, a partir da publicação do livro *A Psicologia da Revolução* (SALGADO, 1956).

Outro aspecto a ressaltar, encontra-se no descontentamento de Florentino de Menezes com os desdobramentos do período de governo do presidente Washington Luís e da política local gerenciada por políticos sem qualificações para cargos eletivos. A revolta do professor, portanto, vincula-se à leitura que teceu a respeito dos descompassos da sociedade brasileira, em direcionar a um propósito exitoso.

Esta discussão sugere, portanto, a algumas questões centrais: por que, então, Joel Silveira traz para o debate um conceito histórico de revolução, marcado por outros tempos de mudanças e inquietações, porém muito revisitado no Brasil dos anos 1930? Em que sentido, seu professor é um “revoltado” e não um revolucionário, no momento em que Silveira escreve o ensaio “Florentino Menezes”? Lembro ao leitor a definição de revoltado de Albert Camus:

Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia; é também, um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento. Um escravo, que recebeu ordens durante toda a sua vida, julga subitamente inaceitável um novo comando. Qual é o significado deste não? (CAMUS, 2010, p. 15).

Camus enquadra o revoltado na condição de alguém que recusa uma determinada definição histórica (JUDT, 2014, p. 138). Pensar nos intelectuais como os que se impõem contra a ordem política é uma das chaves de leitura para compreensão do personagem central do ensaio de Joel Silveira. Daí a importância em entender os dois conceitos, revoltado e revolução, na acepção de projetos políticos que estavam em jogo, quando Silveira publicou o texto em 1934.

## Um intelectual revoltado na Primeira República do Brasil

Os embates históricos sobre a questão da revolução estão no escopo do ensaio de Joel Silveira a respeito de Florentino Menezes. Pois, Silveira constrói um personagem “revoltado”, ou seja, que está disposto a protestar politicamente ao utilizar a sociologia enquanto ferramenta de reflexão e intervenção. Aspecto que Joel Silveira admira em suas figuras prediletas, ou melhor, nos entrevistados. Por isso, a indagação de fundo do ensaio “Florentino Menezes” proporciona uma entrada à compreensão da trajetória de Joel Silveira, enquanto intelectual engajado na tarefa de escrever sobre o país, utilizando uma retórica que estrutura sua forma peculiar de apresentar um personagem, seja ele real, como veremos no ensaio, ou no gênero ficcional, em particular nas novelas e contos. Com precisão incisiva, Joel Silveira evidencia no ensaio, o interesse por questões políticas de relevância para o país.

Joel Silveira, na construção do perfil ensaístico do professor Florentino Menezes, elabora a imagem retórica do gênio romântico. O aspecto estético, neste sentido, volta-se à idealização de Silveira a figura do professor, sob o viés de revolta; instituído pela leitura de identificação ao intelectual, aguerrido de uma potência crítica da realidade brasileira. Nesta perspectiva, Menezes buscou “interferir na realidade social, visualizando carências, liderando campanhas, tomando iniciativas que o tempo só fez projetar o significado de suas manifestações” (DANTAS, 2009, p. 9).

Neste aspecto, Joel Silveira reconstitui a trajetória biográfica do mestre, antes do período de magistério no Atheneu Pedro II. Segundo Silveira, Florentino Menezes utilizou a imprensa local para trazer a público, a questão referente aos debates sobre o Socialismo. Segundo Ibarê Dantas, Menezes publicou diversos textos na imprensa local, a exemplo do artigo A Propaganda Socialista em Sergipe, publicado ao final de agosto de 1917, no *Diário da Manhã*. É possível observar, neste artigo, a compreensão do engajamento socialista aproxima-se de uma concepção de Revolução:

Na Escola Social Positiva eu sou partidário franco da Revolução, único meio de vitória que aconselho às populações europeias. Sergipe, nunca poderá conhecer o punhal, o veneno e a bomba dinamite, aqui a sua ação se manifestará pela escrita, pela palavra, pela ideia; não será uma

doutrina de ódio e de vingança, porém de paz, de amor, de esperança e de justiça (MENEZES, 1917).

O momento deste debate é simbólico, pois a concepção de revolução retoma ferozmente a arena política, no início do século XX. Entre 1914 e 1919, as convulsões sociais advindas dos desdobramentos históricos “da Primeira Guerra Mundial, passando pela Revolução Russa, pela crise que sacudiu a Internacional Socialista e pelo nascimento da internacional Comunista” (GARCIA, 1991, p.12). Inquestionavelmente, Florentino Menezes estava pensando neste cenário desafiador, uma vez que, a opção de uma revolução defendido por ele, remonta não ao exercício da violência, mas do projeto do projeto iluminista. Ele utiliza, portanto, uma leitura contrastante da revolução orientada a um projeto de emancipação humana.

Ademais, em 1918, Florentino Menezes e outros intelectuais criam o Centro Socialista Sergipano que não alcançou a adesão da população sergipana. Ibarê Dantas assevera que somente cinquenta pessoas participaram da instalação do Centro que trazia o “ideal contido nas três palavras: verdade, justiça e amor”. Mesmo contando com intelectuais locais, até fora composto um “Hino socialista sergipano”, de autoria do professor Artur Fortes, membro do novo centro, não suscitou maior interesse. O movimento não logrou êxito e a resposta dos intelectuais ao fraco apoio, segundo Dantas, deveu-se a que “o terreno se manifestara infecundo para a semente germinar” (DANTAS, 1999, p. 71). Em 1926, Menezes publicou as obras, “A influência do clima nas civilizações” e “Estudos de Sociologia: O Processo de Seleção nas Sociedades”, hoje inseridas numa fase do pioneirismo da sociologia. Para Tânia Silva, a fase do “Pioneirismo” na sociologia situa-se em “meados do século XIX ao início do século XX”, período em que predominou o pensamento de Sylvio Romero, Tobias Barreto e todo o peso da Escola do Recife (SILVA, 2007, p. 436). Menezes, então, aparece como uma das referências do pensamento político e da sociologia praticada no país nessa primeira metade do século XX. Todavia, Menezes contribuiu para o debate do ensino de sociologia no país ao publicar o livro “Tratado de Sociologia” em 1931. Ao ser empossado na cátedra de Sociologia do Atheneu Pedro II de Aracaju, o sociólogo aprofundou o debate na publicação deste tratado, ao instrumentalizar sua prática docente no liceu.

O ensaio de Joel Silveira abre novas perspectivas no estudo de um autor que não se ateuve a um único tipo específico de escrita. Durante toda sua trajetória, Silveira recorreu a diversos gêneros discursivos, sem, contudo, reduzir seu interesse em pensar a política. O que, portanto, me parece central nos seus textos, datados de meados dos anos 1930, reside no esforço de pensar criticamente a política brasileira. E, mais especificamente, a questão social referente a condição das classes pobres (LIMA, 2018, p. 34-38).

Incorpo, a esta especificidade da escrita de Joel Silveira, as questões que surgiram na apresentação ensaística a respeito do professor Florentino Menezes. A retórica utilizada no ensaio revela o quanto o autor se coloca pessoalmente ao refletir sobre a intelectualidade brasileira. Acredito ser uma das peculiaridades do estilo de Silveira colocar-se como protagonista entre seus autores e as personalidades que entrevista. É o que ocorre no ensaio Florentino Menezes, onde, em diversos momentos, o autor se introduz na narrativa, com intuito, talvez, de torná-lo mais realístico e, certamente, pessoal. Aspecto este aprimorado nas várias entrevistas realizadas durante sua trajetória.

Historicamente, a opção de Joel Silveira pelo ensaio como gênero discursivo está associada a uma longa tradição que remonta a pensadores como Montaigne, John Locke, G. K. Chesterton e que no século XVIII foi praticada no jornalismo inglês, especialmente com Daniel Defoe (ADORNO, 2003). Daí o ensaio enquadrar-se num gênero moderno do pensar, onde se aborda as questões centrais daquele momento político, um gênero efetivamente articulado com a reflexão política. Por isso, em 1934, Joel Silveira utiliza este gênero na escrita de "Florentino Menezes: Ensaio". Aos dezesseis anos, Silveira apresentou a pequena obra com o interesse de difundir sua opinião sobre o professor que via como um profícuo pensador brasileiro, em terras sergipanas. A ênfase da obra recaiu sobre o fato de o professor nunca ter saído do estado, ou mesmo, não deter formação formal em sociologia. E, a despeito desta particularidade, afiança Silveira, Menezes exerceu um papel preponderante no estabelecimento de instituições culturais e políticas em Sergipe. Destaca-se dentre as inúmeras atuações de Florentino Menezes, a participação na fundação do Instituto

Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), em 1912, e na Academia Sergipana de Letras (ASL), em 1929.

A aproximação entre eles se deu no início dos anos 1930, quando Joel Silveira, estudante secundário do Colégio Atheneu de Sergipe, conhece o professor Florentino Menezes, na disciplina de Sociologia, parte da grade curricular do liceu. Em 1925, foram “criadas as cadeiras de sociologia, literatura brasileira e literatura das línguas latinas” (SILVA, 2007). O concurso de admissão exigia “curso completo de humanidades ou a diplomação por escola superior, com defesa de tese livre de escolha, defesa de tese sobre assunto sorteado, prova prática (quando a natureza da disciplina exigia) e oral” (ALVES, 2006, p. 45). Menezes foi o único candidato do certame e ingressa, em 1926, no quadro de professores como catedrático de Sociologia, ou seja, no mesmo período em que “a disciplina passa a ser lecionada no Colégio Pedro II do Rio de Janeiro” (SILVA, 2007, p. 440). À época, o sociólogo apresentou duas teses para efeito de concurso para a cátedra de sociologia: “A influência do clima nas civilizações” e “Estudos de Sociologia: O Processo de Seleção nas Sociedades”.

Contudo, foi com o *Tratado de Sociologia* (1931) que Florentino Menezes marcou a vida intelectual de Joel Silveira e dos demais jovens estudantes do Colégio Atheneu. A obra foi adotada como livro didático nas aulas de sociologia e o professor Florentino Menezes é, hoje, reconhecido como um dos precursores do ensino de Sociologia no Brasil. Até então, o país não tinha estabelecido o estudo de sociologia nas escolas secundárias. Itamar Freitas salienta, neste sentido, o papel solitário de Menezes ao praticar a sociologia no estado de Sergipe: “apenas os artigos de Florentino Menezes assumem a rubrica, tratando de problemas relativos à divisão territorial do país, os motivos do seu atraso e veiculando propostas para um desenvolvimento material e intelectual do povo brasileiro” (FREITAS, 2000, p. 47). A militância intelectual de Menezes foi reunida na obra publicada em 1917, *Escola Social Positiva*, em dois tomos, onde discorre sobre as ideias do socialismo, evolução e do socialismo Aristocrático. A teoria social que desenvolve relacionava-se ao pensamento político das primeiras décadas do século XX:

Escrevendo este livro, não é nosso intuito traçarmos uma organização social que a todos satisfaça, trazendo um ideal de felicidade e de igualdade para o gênero humano. Os

pensadores que se lançam nessa perspectiva, sempre conheceram o fracasso, quando vão por em prática as suas teorias, porque o ritmo contínuo e implacável do progresso impõe que na sociedade existam vencidos e vencedores, ninguém, poderá fugir a esta regra (MENEZES, 1917, p. 11).

Exatamente no período histórico de agitações que convergiram na Primeira Grande Guerra, e mais, nos movimentos grevistas dos operários, Florentino Menezes sugere uma sociedade polarizada como parte inseparável da organização social ideal. Ele não acreditava numa sociedade igualitária, pois vislumbrava nesta opção a ruína dos projetos políticos que temem o “ritmo do progresso”.

No pensamento social positivo de Menezes existe uma classe de letrados, os dignitários, capacitados a exercer o poder de direção política em decorrência do prestígio financeiro e do saber adquirido. Os mais capazes são uma elite que na acepção de Menezes constituída pelos “mais aptos, dos mais inteligentes, aos que trabalhem, àqueles que em razão de suas qualidades físicas, intelectuais e morais estiverem em condições de exercerem justa influência sobre seus semelhantes” (MENEZES, 1917, p. 11).

Desta feita, o projeto político da Escola Social Positiva de Florentino Menezes se adéqua, na maioria, aos projetos conservadores que tangenciaram os debates políticos da primeira metade do século XX. A classe letrada seria a protagonista da história, ao passo que, o resto da população deveria aceitar o desenrolar do progresso pacificamente. Florentino Menezes acreditava que a classe letrada, munida de formação acadêmica, fomentaria um governo imune aos problemas vivenciados até aquele momento. Ao observar o desenrolar da história europeia, ele afirma que “nas classes superiores das sociedades civilizadas vive-se intelectualmente, enquanto nas camadas inferiores à vida torna-se mais material e inteiramente animalizada” (MENEZES, 1917, p. 21). Emerge deste discurso da Escola Social Positiva, a dicotomia entre civilizado e bárbaro, a ser superada, segundo o pensamento de Menezes, pela chegada ao poder de uma elite esclarecida (STAROBINSKI, 2001). Com efeito, essa elite traria a solução dos problemas: primeiro, ela livraria o povo da ignorância, pois investiria no saber; segundo, até por consequência, os males infligidos pelos governantes ineptos, seriam eficientemente neutralizados, ao se formar uma sociedade instruída.

Não por acaso, o sociólogo esteve entre os principais idealizadores do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) e da Academia Sergipana de Letras (ASL).

Existe, logo, uma evidente aproximação do pensamento de Florentino Menezes ao pensamento evolucionista do século XIX, em especial, com a ideia da sobrevivência dos mais aptos, desenvolvida na sociologia inglesa de Herbert Spencer (1820-1903). O ponto central do pensamento de Spencer, ao qual Florentino Menezes recorre, fixa-se no evolucionismo e no organicismo, analisado em *Princípios de psicologia* (1852—1857), muito antes de Charles Darwin publicar *A origem das espécies* em 1859. Não obstante, é na obra *O Homem versus o Estado* (1884) que Spencer torna a evolução uma categoria prioritária de suas pesquisas sociológicas (LALLEMENT, 2008, p. 147).

Florentino Menezes acompanha não só as leituras da sociologia inglesa de Spencer, mas, sobretudo, o seu viés que dialoga com o pensamento Positivista. Para ele, somente pelo caminho da ordem, o homem conseguiria chegar à verdade e ao progresso. Na Escola Social Positiva de Florentino Menezes é possível identificar também o progresso enquanto conceito analítico a ser utilizado no estudo da sociedade brasileira. Declarado adepto de uma teoria das elites, o progresso estava atado ao desenvolvimento de uma “aristocracia” intelectual, pois sem a mesma, o povo não conseguira superar as limitações da sua própria condição. Menezes reitera sua percepção nestes termos:

Queremos apenas que exista tanta justiça quanto possível, que a vitória pertença, como atualmente se verifica, aos que possam vencer em virtude de seu caráter moldável e moral elástica, porém, ao mais apto, ao mais inteligente, aos que mais trabalharem, àqueles que em razão de suas qualidades físicas, intelectuais e moraes, estiverem em condições de exercerem justa influência sobre seus semelhantes. (MENEZES, 1917, p. 12).

“Influenciar” é uma ideia característica e predominante do pensamento de Florentino Menezes. Acreditava que o intelectual é o sujeito capaz de elevar o povo da ignorância ao caminho da verdade, tornando-se, assim, peça do modelo de sociedade que possibilitaria o progresso da nação.

Esse pensamento aproxima-se das reformas propostas pelas reflexões do pensador católico Jackson de Figueiredo. Este intelectual tornou-se célebre nos debates políticos

na Primeira República. O Centro Dom Vital, representava o conservadorismo católico que propunha uma saída às questões sociais e políticas. Parte dos que circulavam junto à intelectualidade brasileira nutria simpatia pelos debates de vertente católica.

Ainda é importante destacar o quanto Joel Silveira aproximou-se de personagens com relevo intelectual, como é o caso de Florentino Menezes. Coloco duas indagações: o que realmente motivou Joel Silveira a escrever um ensaio sobre o percurso do professor de sociologia? Quais foram os problemas enfrentados por Joel ao pensar o papel da reflexão sociológica? São questões centrais que pretendo discutir em sua trajetória.

Na abertura do ensaio sobre a obra de Florentino Menezes, Joel Silveira enfatiza o potencial do estado sergipano para “alimentar os sementeiros do pensamento nacional”. Ele refere-se à geração de intelectuais sergipanos que marcou o debate político no século XIX e nas primeiras décadas do XX: Tobias Barreto, Silvio Romero, Jackson de Figueiredo, João Ribeiro, Genolino Amado, Gilberto Amado, Gumersino Bessa. Florentino Menezes participa, na opinião de Joel Silveira, dessa tradição de intelectuais, escritores, juristas e filósofos. Joel Silveira em seu ufanismo, acredita que Sergipe alimentaria as bases do pensamento nacional. Aliás, Joel Silveira afiança o papel intelectual de Menezes em servir o país, elevando os “padrões morais”.

Ao situar seu professor em meio ao debate intelectual, Joel Silveira destaca o que de fato o torna uma figura exemplar. É perceptível, o uso da mesma retórica utilizada por muitos estudiosos da trajetória do filósofo Immanuel Kant. O autor do clássico, a “Crítica da razão pura”, também seria um exemplo de alguém que se revelou grande pensador embora nunca tenha saído da Prússia, nem de sua cidade natal (COUTINHO, 1999, p.19). O mesmo argumento confere notoriedade ao possuidor da virtude de elevar-se além do próprio lugar onde vive; de conseguir alçar voos intelectuais maiores do que o menor estado da federação.

O traço romântico de genialidade é destacado inicialmente na apresentação do ensaio: “O que eu quero dizer nas linhas que se seguem todos os sergipanos já sabem: É que Florentino, mais que um sábio, é um gênio; só faço repetir o que outros já disseram. Perdoe o Mestre a minha ousadia de espírito sincero” (SILVEIRA, 1934). Essa sinceridade enquadra-se na tradição das confissões, característica de relatos do século

XVIII, com raízes no texto de Santo Agostinho. (GAGNEBIN, 1994, p. 27). Para tanto, a sinceridade é um dos recursos retóricos do relato confessional de Joel Silveira. A noção de gênio, como empregada por Joel Silveira, designa “a divinização da pessoa, o princípio que rege e exprime a sua existência inteira” (AGAMBEN, 2010, p. 15).

Além desse aspecto, outra alusão presente no ensaio de Joel Silveira refere-se ao professor Florentino não ter vivido no Rio de Janeiro, o centro cultural e político do Brasil nas primeiras décadas do século XX, como era o caso de pensadores sergipanos, dentre eles, Sílvio Romero e Jackson de Figueiredo. Não obstante, residindo em Aracaju e distante de onde ocorriam os debates relevantes no país, Florentino Menezes havia mantido amplo contato com intelectuais de outras nacionalidades. Existe, portanto, na retórica de Joel Silveira, o empenho em esboçar uma tradição de pensadores sergipanos e estrangeiros, como referência do pensamento intelectual brasileiro.

Não só na condição de gênio e mestre, Florentino Menezes é tido como alguém que não trilhou o caminho comum da glória do escritor e teria alcançado a notoriedade intelectual por seu amplo conhecimento, salienta Joel Silveira. Trajetória diferente de uma linhagem de escritores que, na acepção de Silveira, conseguiam seu lugar aliando-se a uma rede de intelectuais e personalidades dedicados a tecer elogios a autores pouco merecedores de atenção:

A cadeira foi bem ocupada, as homenagens dos jornais foram mais que sinceras e os elogios dos nossos “imortais” foram completamente despidos de ironia e má vontade de bico de pena, mal este que costuma atacar os que são obrigados a elogiar “mentalidades” desmerecedoras...

Com Florentino aconteceu o contrário, e não era para menos.

As cores do seu quadro são vivas, impressionantes, notáveis por suas combinações, o que realça e o que entusiasma (SILVEIRA, 1934, p. 16-17).

Joel Silveira afirma terem sido “fabricados” muitos dos escritores e das personalidades que ocupavam os espaços da intelectualidade da Academia Sergipana de Letras. Já com respeito a Florentino Menezes, o caso era totalmente diferente, pois havia prova cabal de sua capacidade intelectual comprovada nas obras publicadas, e por participar da fundação em 1912, do Instituto Geográfico Histórico Sergipano. O

currículo de Florentino Menezes tem o relevo de trabalho, do homem que lutou para tornar possível o conhecimento intelectual no estado, afirma Joel Silveira.

Contrapunha a vida do seu mestre aos que, comenta acidamente, detinham a condição de “imortais” por conta de manobras escusas. Sua denúncia remete para o problema dos critérios utilizados na eleição dos membros da academia de letras. Acrescente-se a isto, ele dizer que Florentino Menezes tinha “um pulso firme e enérgico”. A peculiaridade de seu procedimento de análise denotaria sua capacidade de criar a imagem estética do gênio. Até porque, havia escolhido, segundo Silveira, um campo de trabalho árduo:

A Sociologia requer força de vontade para o seu estudo, compreensão para os seus problemas intrincados, olhar perscrutador para as trevas de um fenômeno sem solução, por fim: - cérebro de matemático e alma de lógico.

E tudo isso Florentino possui.

Eis porque o estudioso se adaptou a mais este estudo, com facilidade eis porque o culto olhou e compreendeu mais estas páginas de cultura.

Notar que Florentino não foi um privilegiado da Natureza, um jovem que já nascesse um gênio, um precoce, um Mozart, um Voltaire ou outro qualquer que, logo ao raiar da sua Aurora, lhe aparecesse a coração da Imaginação (SILVEIRA, 1934, p. 18-19).

Em depoimento a Joel Silveira, Menezes afirmara que “até a idade de 20 anos era incapaz de traçar com perfeição o mais simples ofício” (SILVEIRA, 1934, p. 19). Fora, por isso, aconselhado por “uma pessoa de sua família” a escrever e publicar seu primeiro artigo em um jornal de Aracaju. Em suma, Joel Silveira salienta que Florentino despontou intelectualmente “do Nada para o Tudo”. A força retórica desta afirmação gera a imagem de que Florentino Menezes não demonstrava indício de genialidade na juventude. Parece-me, entretanto, ser um perfil idealizado, visto Florentino Menezes ter saído de família tradicional do estado.

Após a apresentação, Joel Silveira faz um balanço da recepção da obra de Florentino Menezes (SILVA, 1997, p. 9). O primeiro livro, “Estudo Corográfico e Social do Brasil”, foi publicado em 1912, em seguida, saiu “Leis de Sociologia Aplicadas ao Brasil”, publicado no ano seguinte, ambos premiados pela Academia Latina de Ciências, Artes e Letras de Paris. O sociólogo publicou ainda as obras

“Desenvolvimento Intelectual dos Povos” e a “Influência dos Fatores Geográficos na Formação da Sociedade Brasileira”. Esta última, apresentada no V Congresso Brasileiro de Geografia, “foi aprovada com lisonjeiras apreciações” (SILVEIRA, 1934, p. 21).

Nas primeiras obras, Florentino Menezes obteve boa acolhida do público, em especial, da crítica. Dr. Liberato Bittencourt, prefaciador do livro “Leis de Sociologia”, afirmou, segundo Joel Silveira, ter Florentino escrito como “um pensador de larga envergadura e um sociólogo de indiscutível valimento”. Brício Cardoso registrou uma crítica positiva à obra de Florentino, a *Escola Social Positiva*, endossada por Joel Silveira, que afirma ser a “obra-prima” do mestre. Brício assevera o seguinte: “A sua Escola Social Positiva é um livro de sã doutrina e vasta erudição, profundo nos conceitos filosóficos e políticos, muito claro nas palavras, e, no momento que atravessa a vida universal, de perfeita atualidade” (CARDOSO, 1934, p. 21-22). Joel Silveira descreve ainda minuciosamente o quanto a obra do seu professor havia alcançado espaço entre intelectuais, tais como Antenor Lírio Coelho, Otávio Oliveira, Helvécio Andrade, Zózimo Lima, Coriolando de Medeiros, Teofanes Brandão. Todos os nomes citados por Joel Silveira constituem personalidades políticas e intelectuais brasileiros: “E note-se quem são estes críticos, qual o valor das suas palavras e, ainda mais, dos seus autores, e tire-se uma conclusão das riquezas dos conceitos emitidos sobre o Gênio e sobre suas obras” (SILVEIRA, 1934, p. 24-25).

Joel Silveira menciona ainda outras obras marcantes da produção de Florentino Menezes, livros escritos a partir de uma linha interpretativa de problemas do Brasil nas décadas de 1910 e 1920. *Partido Socialista Sergipano* (1918), o *Voto Secreto* e o *Processo de Seleção nas Sociedades* são obras cujo objetivo foi o de compreender sociologicamente os problemas do país. É o caso do livro “Voto Secreto” (1924), que segundo Joel Silveira, “nos mostra a sua alma inflamada, os seus ímpetos revoltados em discursos vibrantes, em artigos explosivos nos jornais de Aracaju” (SILVEIRA, 1934, p. 24-25). Em verdade, Florentino Menezes escreveu diversos artigos no *Diário da Manhã*, onde evocou “a criação de um núcleo de propaganda socialista, viu seu desejo realizado na noite de 19 de março de 1918, no salão da Biblioteca Pública, onde se deu a solene instalação”. Ibarê Dantas afirma, a respeito do Centro Socialista Sergipano,

que sua fundação “ficaria na lembrança como um fato simbólico” (DANTAS, 1999, p. 71).

Há um atrativo na trajetória do professor Meneses, qual seja o envolvimento com questões políticas, como a campanha do voto secreto. Em 1934, quando o ensaio de Joel Silveira foi publicado, o voto secreto, pelo qual Florentino Menezes tanto lutara, se tornara realidade política assegurado pelo Código Eleitoral. Na perspectiva do jovem, seu professor fora um “profeta experiente”, dado ter o “Voto Secreto” no Brasil os mesmos característicos apontados por Florentino anteriormente (SILVEIRA, 1934, p.26).

No momento em que Joel Silveira publicava seu primeiro texto, o professor Florentino lançou duas obras consideradas referências para os estudantes do Atheneu sergipense: “*Tratado de Sociologia*” e a “*Classificação das Sociedades*”. Segundo Joel Silveira, eram trabalhos classificados como “uma verdadeira obra competidora de Comte, de Spencer ou de outro sociólogo notável. Havia também a “*Ilusão Soviética*”, obra publicada em 1934, com o título de “*Ilusão Soviética e a realidade soviética*”. Nesse ponto, Silveira acredita que a obra de Florentino Menezes alcançava o mesmo nível da produção de dois especialistas da sociologia, Augusto Comte e Robert Spencer.

Joel Silveira justificava a profusão de publicações pelo preparo de Florentino Menezes como “bom artífice” (SENNETT, 2010). Isto é, o mestre não havia negligenciado sua formação autodidata que possuía “desde a argamassa ao martelo, desde o pincel ao buril”.

O ensaio de Joel Silveira se encaminha para a construção da imagem de Menezes como o “revoltado”. Esta seria para ele a característica predominante do mestre. Florentino Menezes corresponderia, nesta acepção, à figura do “gênio” e “revoltado”, peculiaridades do professor presentes na escrita de folhetos políticos. O perfil do revoltado se completa plenamente no folheto. O revoltado escreve não só livros, assim pensa Joel Silveira; seu lugar de efetiva participação política se mostra na escrita de folhetos voltados para os problemas do Brasil. É exatamente a tarefa do pensar a respeito do país que Florentino Menezes cumpre, na opinião de Joel, como “grande gênio sergipano”. Raymond Williams referiu-se ao conceito de gênio como uma atribuição vinculada desde o século XVIII a escritores; principalmente, quanto ao

aspecto da criatividade, também, a “qualquer espécie de capacidade excepcional” (WILLIAMS, 2007, p. 101).

Os folhetos seriam o ponto alto da produção de Florentino na acepção de Joel Silveira; mas, inutilizados pelo professor, deles somente restara uma única cópia de um folheto acerca de um estudo social do Brasil. Como indica Silveira: “Na citada obra não era raro se Amazônia, em períodos de secas terríveis e abrasadoras, queimada por um sol implacável e o Nordeste cortado por caudalosos rios banharem suas florestas virgens, sua vegetação exuberante...”. Joel Silveira indica neste texto uma atitude que relembra o personagem do livro de Voltaire, “Candido”. Ele acredita que as ideias do estudo de Florentino são “por demais otimistas”.

O estilo vinculado à confissão adotado por Joel Silveira é a estratégia de presumida participação ativa na interpretação da obra de Florentino Menezes desconhecida do público, mas introduzida a ele pela amizade com o mestre. Em determinado trecho Silveira diz em relação a ter acesso às notas do professor Florentino Menezes que “Somente para o humilde rabiscador destas linhas ela tornou-se conhecida”. Contudo, Silveira afirma que, na realidade, lembra dos textos, não porque havia lido, mas simplesmente, “porque, na minha imaginação de moço entusiasta conservo todo o livro de Florentino gravado nas camadas do meu cérebro” (SILVEIRA, 1934, p.33).

Na obra, as “Notas de um Revoltado” de Florentino Menezes, Joel Silveira delimita e nomeia a categoria que determinaria o sociólogo. Esta obra, segundo ele, retomada em diversos livros de Florentino Menezes, “até hoje conserva-se inédita” (SILVEIRA, 1934, p. 33). Recorre a sua experiência pessoal para afirmar o significado da revolta em Florentino Menezes:

(...) eu conheço o seu autor, seu passado inquieto, sua juventude movimentada, e sei que de uma alma formada com tantas interrupções, com modos tão bruscos, só poderão explodir revoltas verdadeiras, que tenham razão de ser.

E sou até capaz de afirmar que, em alguns capítulos das NOTAS viriam ataques à sociedade falha, à política nefasta, aos governos vergonhosos e a tudo que feriu, sem causa alguma, o coração de Florentino (SILVEIRA, 1934, p. 34).

Joel Silveira relembra as campanhas políticas de Florentino Menezes, desde a década de 1910, a luta por uma sociedade mais justa. Por isso, também recorre às “interrupções”, como o abandono por Menezes da faculdade de engenharia no Recife e do curso de medicina na Bahia, por conta da doença que o impossibilitou de concluir a formação superior. O percurso de desistências do sociólogo não impediu a trajetória do estudioso autodidata, a seu ver, exemplo de compenetração, na prática da ciência social e no campo educacional como professor no Colégio Atheneu Dom Pedro II de Aracaju.

Florentino Menezes ainda é tratado por Joel Silveira como um “mártir” da “Injustiça”, da “Ironia”, da “Má – Vontade”. Restava ao jovem estudante lamentar por não saber se a obra chegaria ao conhecimento do público. Pois, se isso ocorresse, complementa Silveira, poderia “ecoar com ecos sinistros, como bombas nas quebradas das montanhas, como grito da Verdade no cenário hediondo e vil da Mentira” (SILVEIRA, 1934, p.35).

Por fim, Joel Silveira acredita na espera paciente, “com a calma de um beduíno que atravessa o deserto vagaroso, porém sabendo que encontrará no próximo oásis, a água límpida e reconfortante que será o balsamo para o seu interior sequioso” (SILVEIRA, 1934, p. 35). Para ele, o esforço do sociólogo alcança seu clímax na “glória de sua Pátria”; isto é, Florentino Menezes não seria um nacionalista qualquer, mas, um idealista, um idealista que se entrega à glória da Pátria. A constatação se alia a visibilidade internacional que Florentino Menezes alcançou na condição de sócio da Academia Físico-Química Italiana de Palermo, ao “conquistar o prêmio do seu esforço: é laureado com a medalha de primeira classe de Mérito Científico e Humanitário daquela sociedade” (SILVEIRA, 1934, p. 41). Também, a Sociedade de História Internacional de Paris o premiou com a Medalha de Ouro e Prata; o mesmo reconhecimento, ao professor Florentino Menezes foi conferido com o Ramo de Ouro pela Academia Latina de Ciências Artes e Belas Artes de Paris.

Joel Silveira salienta o reconhecimento internacional do sociólogo sergipano, aspecto que para ele, confirma o qualificativo de idealista: “luta titanicamente contra o Pessimismo, contra a Obscuridade, e não tentamos nada em seu favor”. Isto é, na percepção de Silveira, o sociólogo tornou-se exemplo inquestionável da luta contra

aquilo que via como atraso cultural. Uma luta, que para Silveira passa ainda, por inserir a obra do sociólogo na tradição do pensamento de “Spencer, de Comte, de René Worms, de Palante e outros” (SILVEIRA, 1934, p. 42).

### Considerações finais

Pelos temas abordados no ensaio, Joel Silveira, inicia sua trajetória intelectual, pensando na condição da população brasileira, pois, era o centro da obra de Florentino Menezes. A leitura positivista de Menezes alcança tom célebre na acepção de Silveira. Na realidade, ao ressaltar a imagem de “revoltado” e de “gênio”, e relacioná-la ao pensamento do sociólogo, o estudante aproxima-se de uma figuração romântica do papel do intelectual (GUINSBURG, 2019). Mesmo que não seja a imagem do revolucionário, o “revoltado”, nestes termos, circunscreve matrizes do pensamento político, até mesmo de viés autoritário. Pois, o enquadramento do intelectual é de guia da população despreparada, de fato, para exercer seus direitos universais; assim, o intelectual alcança a posição de liderança preparada para guiar a população.

O projeto intelectual de Joel Silveira não trilhou as diretrizes da obra do sociólogo, mas neste ensaio, encontramos as pistas de sua leitura na primeira metade da década de trinta. Ele está preocupado em pensar a política, mesmo quando, reflete a respeito do pensamento do mestre e amigo. O enquadramento do intelectual é positivo, pois o vislumbra na condição política de uma elite intelectual, desejosa de mudar a condição social da população.

Neste encontro do pensar a respeito do país, a escola é o espaço de reflexão política e intelectual. A publicação do ensaio, que saiu através dos esforços dos estudantes do Grêmio Clodomir Silva, evidencia o papel desta instituição em preparar os jovens para pensar o país. Decerto, a trajetória de Joel Silveira tem suas bases intelectuais no Atheneu Pedro II, por isso, não é possível dissociá-lo destes anos de formação. Os interesses profissionais de Silveira, em especial, por aproximar-se dos intelectuais para entrevistá-los, tem raízes no período do Atheneu. E, até mesmo, o envolvimento na imprensa estudantil foi um legado do período de estudos em que dirigiu o jornal do grêmio. Os indícios de sua formação e dos interesses pelos temas

centrais do país ilustram o campo intelectual ao qual Silveira atuou nas décadas seguintes.

### Instituições e Arquivos

Biblioteca Octavio Ianni – IFCH/UNICAMP.

Biblioteca Pública Epifânio Dória.

Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGS.

### Referências

#### Fontes:

SILVEIRA, Joel. *Florentino Menezes: Ensaio*. Aracaju: Casa Ávila, 1934.

SILVEIRA, Joel. *Desespero. Novela*. Aracaju: Casa Ávila, 1936.

SILVEIRA, Joel. *A milésima segunda noite da avenida paulista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVEIRA, Joel. *História de Pracinha (Oito meses com a Força Expedicionária Brasileira)*. Edição Ilustrada Desenhos de Scliar. Rio de Janeiro: Cia. Editora Leitura, 1945.

SILVEIRA, Joel. *Grã-finos em São Paulo: outras notícias do Brasil*, São Paulo: Cruzeiro, 1945.

MENEZES, Florentino Teles de. *O Voto Secreto*. Aracaju: Tip. Moderna, 1924.

MENEZES, Florentino. A Morte de um regime. *Diário da Manhã*. Aracaju. 23.07.1917.

MENEZES, Florentino. Morto de Fome, *Diário da Manhã*. Aracaju. 17.08.1917.

MENEZES, Florentino. Discurso de pronunciamento pelo acadêmico Florentino Telles por ocasião da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. *Revista do IHGS*. Aracaju, n.1, p.09-13, 1913.

MENEZES, Florentino. *Escola Social Positiva*. Aracaju: Imprensa Popular, 1917.

MENEZES, Florentino. *A Ilusão comunista e a Realidade Soviética*. Rio de Janeiro: S.N.T, 1934.

## Bibliografia

ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

ALVES, Eva Maria S.; COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura. Aspectos históricos da cadeira de sociologia nos estudos secundários (1892-1925). *Revista Brasileira de História da Educação*. v. 6, n. 2 – jul./dez. 2006.

ANSART, Pierre. *A gestão das paixões políticas*. Tradução de Jacy Seixas. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

ARENDT, Hannah. *Sobre a Revolução*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*. 2ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Forjar a identidade brasileira nos anos 1920-1940. In: HARDMAN, F. F. (org.). *Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BORGES, Vavy Pacheco. *Tenentismo e revolução brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CARDOSO, Brício. Apud. Silveira, Joel. *Florentino Menezes*. Ensaio, 1934, p. 21-22.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado* (1951). Tradução de Valerie Rumjanek. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

COUTINHO, Wilson. Kant contra a banalidade. In: *Kant: crítica e estética da modernidade*. (org.). Ileana Pradilha Cerón. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

DANTAS, Ibarê. *História da Casa de Sergipe: os 100 anos do IHSE 1912-2012*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012.

DANTAS, Ibarê. *Florentino Teles de Menezes, o sociólogo pioneiro*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. n. 39, 2009.

DANTAS, Ibarê. *O tenentismo em Sergipe*. 2. Ed. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1999.

DUTRA, E. R. de F. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; Belo Horizonte: UFMG, 2012.

FREITAS, Itamar. *A escrita da História na "Casa de Sergipe" – 1913/1999*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002.

FERRARI, Danilo Wenseslau. *A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Dizer o tempo. Cadernos de Subjetividade*. v. 2, n. 1 e 2, p. 27-36, São Paulo: PUC, 1994.

GARCIA, Marco Aurélio. *Reforma e Revolução/Reforma ou Revolução (Discussão de um paradigma)*. In: *Reforma e Revolução. Revista Brasileira de História* 20. (org.). Maria Stella Bresciani ; Vavy Pacheco Borges. São Paulo: ANPUH; Editora Marco Zero, CNPq e FAPESP, v.10, no. 20, p. 09-38, mar.91/agos.91.

GUINSBURG, J. *Romantismo, historicismo e história*. In: *O Romantismo*, 4<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JUDT, Tony. *O peso da responsabilidade*. Blum, Camus, Aron e o século francês. Tradução de Otacílio Nunes, Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Tradução de Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ; Contraponto, 2009.

LALLEMENT, Michel. *História das Ideias Sociológicas: das origens a Max Weber*. v. 1. Tradução de Ephrain F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, Cleverton Barros de. *Do Sertão à cidade: política e Questão Social em Amando Fontes*, Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

LUCA, Tania Regina de. *A grande imprensa na primeira metade do século XX*. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

MARSON, Izabel A. *Do império das "revoluções" ao império da "escravidão": temas, argumentos e interpretações da história do império (1822-1950)*. *História: Questões & Debates*, Curitiba, Editora UFPR, n. 50, p. 125-173, jan/jun,2009.

NAXARA, Marcia R. C. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro. 1870/1920*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998.

NUNES, Maria Thetis. *História da educação em Sergipe*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramalhete *et al.* São Paulo: Editora 34, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. *Aisthesis*. Cenas do regime estético da arte. Tradução de Dilson Ferreira Cruz. São Paulo: Editora 34, 2021.

SALGADO, Plínio. Psicologia da revolução [1933]. In: *Obras Completas de Plínio Salgado – volume VII*. São Paulo: Editora das Américas, 1956.

SILVA, Adriana Elias Magno. *Florentino Menezes: um sociólogo brasileiro esquecido*. Dissertação mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

SILVA, Tânia Elias M. Trajetórias da Sociologia Brasileira: considerações históricas. *Cronos*, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 429-449, jul./dez. 2007.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização - Ensaios*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOBBSAWN, Eric. *A era das revoluções, 1789-1848*. 15. ed. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

HUNT, Lynn. *Política, Cultura e Classe na Revolução Francesa*. Tradução de Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358-399. Jan./abr. 2017.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave*. Um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

VESENTINI, Carlos Alberto. *A teia do fato*. Uma proposta de estudo sobre a Memória Histórica. São Paulo: Editora HUCITEC, História Social USP, 1997.